

**O** OSCAR da Silva, o nosso grande pianista e compositor, que vive há mais de treze anos no Brasil, deu ultimamente notícias suas a uma antiga e dedicada discípula, que por gentil concessão, me proporcionou a leitura da carta recebida.

Oscar da Silva, pleno de engenho nas magistrais estilizações das «Páginas Portuguesas», o emotivo das «Dolorosas», da «Sonata Saúde», das «Imagens», o glorioso autor da ópera «D. Mécia», etc. etc., sem dúvida o nosso mais representativo compositor romântico, dá-nos a surpreendente notícia de ter evoluído para o «modernismo ajuizado». São do ilustre compositor estas palavras: «Acho graça quando leio nos jornais, ou quando de mim pensam os amigos e colegas, que eu ainda sou o mesmo compositor romântico... Não, invejados pelo «modernismo ajuizado» e creio, brevemente, dar uma prova do que acabo de escrever-lhe. Estou em combinação com uma grande casa editora que «espalhará por toda a parte» as 50 obras da minha última fase. Estas obras são para piano, violino, violoncelo, canto e música de câmara».

O espírito de Oscar da Silva rejuvenesce, conquanto a sua «descida física» se acentue, no dizer do compositor, que não hesita em trilhar outros caminhos, merecendo assim a admiração e o respeito dos «novos».

A sua última maneira é essencialmente simbolista. Breve, discreto, regeita os preceitos da retórica musical do romantismo. Evoluindo para uma mais transcendente forma, para os processos modernistas—audácias harmonicas, dissonâncias bizarras sem utilizar os efeitos ásperos da politonalidade, ritmo-pela—temos a felicidade de constatar, que o saber e a inspiração não são antagónicos, antes se completam.

Como na obra de Debussy, duas «influências extra-musicais» contribuíram para orientar Oscar da Silva, na procura dos caminhos próprios à originalidade da sua última maneira: o da poesia simbólica e o da pintura impressionista.

A'quêles, que se delictam no melodismo verdiano ou rossiniano, aos idólatras do contraponto, esquecidos talvez, de que já no séc. XVII, João Soares Rebelo, um dos mestres da famosa escola de Évora, esgotara a inventiva contrapontística, na sua célebre missa a 39 vozes, para comemorar o trigéssimo nono aniversário de D. João IV, e que irónicamente classificam de «loucos» os que escrevem seduzidos pelos vastos recursos da moderna escola de composição, tenho a satisfação de lhes apontar a última forma do eminente Mestre Oscar da Silva, que tão belo exemplo de utilidade intelectual e artística revela.

Em edições feitas sob o patrocínio do «Conselho de Educação Nacional» (Ministério da Instrução Pública—Portugal) e impressas no Brasil, na cidade de S. Paulo, existem, para piano: «Girouettes»—«Pandemonium»—«Nostalgies»—«Vieillesies»—«Procenium»—«Omnia»—«Aymoré»—«Valse»—«Frivolité» e «Saúde». No prelo, para piano: «Bouquet violet»—«Préludes»—«Valses»—«Gladíator»—«Gaminerie»—«Rancho»—«Berceuse»—«Passions»—«Desillusions»—«Volubilis»—«Passetemps»—«Elvoé» e «Profécies». Para canto: «Silence». Para violino: «Melodie du Mystère» e «Humoreske». Para violoncelo: «Melodie de la Mort»; e para quarteto de corda: «Ela...» e «Oito fantasias».

Impressões fugitivas, sensações e emoções do seu «eu», ansioso e torturado, são estas as manchas sonoras da sua última maneira.

Estamos informados que Oscar da Silva, a convite do governo português, virá até nós, trazer-nos o espiritual prazer de o ouvir muto brevemente.

Em Lisboa e Porto, dará concertos nos quais executará as suas últimas composições.

Oxalá que o meio musical da Invicta Cidade, saiba receber e acarinhá-lo como merece, o seu maior compositor e pianista, para que o Ilustre Artista não sinta a nostalgia do seu voluntário exílio em terras de Santa Cruz.

**Eurico Tomaz de Lima**

Em conclusão: o artista de hoje, para ter direito de existir, para justificar a sua presença, é obrigado a ser diferente do homem comum.

Quando tal diferenciação não é nativa, há que criá-la artificialmente. Esta auto-transformação artificial tem os seus perigos, é certo. Mas é preferível ser um tudo-nada fictício—a ser contíguo, amorfo ou insípido.

— Da colecção Figuras Nacionais, apresentada pela Editora Educação Nacional, apareceram três volumes—Luís de Camões, Gil Vicente e Almeida Garret—da autoria de Mário Gonçalves Viana.

— Amostras sem valor é o título dun livro de conceitos, da autoria de Américo de Castro, com capa de Octávio Sérgio.

— A Editora Educação Nacional lançou a público a obra de François Mauriac Vida de Jesus—traduzida por José Sarmiento.

## “Seara Nova”

Esta revista, cuja publicação constitui um notabilíssimo esforço na acanhada vida portuguesa, comemorando o seu 17.º aniversário publicou o número 500 recheado de magnífica colaboração dos mais altos valores militantes das letras e do pensamento português. Constitui o número agora apresentado um valioso repositório de cultura e anuncia que vai essa publicação entrar numa nova fase, com colaboração mais vasta e mais variada, de molde a interessar uma maior soma de leitores. Para isso projecta inaugurar secções onde os vários problemas económicos, administrativos, de assistência, de educação, de arte, de literatura, sejam tratados com todo o desenvolvimento possível.

Na revista «Seara Nova», no seu acendrado idealismo positivo e prático, na persistência infatigável da sua obra de 17 anos, nas suas directrizes de dignificação humana, encontramos um exemplo a seguir, uma benéfica orientação.

## Transcrições

O semanário «A Rabeca», de Portalegre, transcreveu o nosso éco—«Homem Cristo—um símbolo».

A revista mensal «Arquitetura» que se publica em Lisboa, transcreveu o nosso «Fundamento».

Também «O Arrifanense» transcreveu «Dialoguetes», do nosso colaborador António Sérgio.

Agradecemos.